

Revista de Literatura, História e
Memória



Dossiê: Literatura e interartes, desdobramentos estéticos e culturais: entrelaçamentos e reverberações da memória, da história, da sociedade e as identidades

ISSN 1983-1498

VOL. 16 - Nº 28 - 2020

UNIOESTE/CASCABEL - p. 205-224

EXÍLIO, UTOPIA E POLIFONIA EM *O BRUXO DO CONTESTADO*, DE GODOFREDO DE OLIVEIRA NETO

Exile, utopia and polyphony in *O Bruxo do Contestado*, by Godofredo de Oliveira Neto

Suzane Moraes da Veiga Silveira¹

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar as estratégias textuais de *O Bruxo do Contestado* (1996), romance de Godofredo de Oliveira Neto, para trabalhar ficcionalmente os temas do exílio e da utopia. Em diálogo com um importante evento da memória nacional, a Guerra do Contestado, o livro desenvolve uma reflexão sobre as heranças culturais resultantes de processos históricos de violência, em que o Estado aparece como agente violador contra os revoltosos, colocando-os em

situação de subalternidade. Assim, a metodologia empregada consiste no estudo da construção da narrativa e de sua polifonia, tendo por base as experiências das personagens face ao poder institucional, em especial o protagonista Gerd. Para isso, utilizamos como embasamento teórico a contribuição crítica de Edward Said (2003), Julia Kristeva (1994) e Gayatri Spivak (2010), a fim de examinar o relato memorialístico de Tecla, narradora-escritora, observando como ela reconstrói o seu passado e o de sua família, os Jonhasky, cuja história se mistura com a do próprio Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Exílio; Utopia; *O bruxo do Contestado*; Godofredo de Oliveira Neto.

ABSTRACT: This article aims to analyze the textual strategies of *O Bruxo do Contestado*, novel written by Godofredo Oliveira Neto, to work fictionally on the themes of exile and utopia. In dialogue with two important events of the national memory, the Contestado War and the Military Dictatorship, the book develops a reflection on the cultural inheritances resulting from historical processes of violence, in which the State appears as a violating agent against the rebellious people, placing them in a situation of subordination. Thus, the applied methodology consists of studying the construction of the narrative and its polyphony, based on the experiences of the characters against the institutional power, specially the protagonist Gerd. To do so, we use as theoretical embasement the critical contribution of Edward Said (2003), Julia Kristeva (1994) and Gayatri Spivak (2010), in order to examine the memorialistic report by Tecla, the writer-narrator, observing how she rebuilds her own background and her family's past, the Jonhaskys, whose history mixes with that of Brazil itself.

KEYWORDS: Exile; Utopia; *O bruxo do Contestado*; Godofredo de Oliveira Neto.

INTRODUÇÃO

Segundo Edward Said, em seu texto “Reflexões sobre o exílio” (2003), a experiência do exilado se evidencia numa fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre um “eu” e uma referência matricial, exposta através de um sentimento contínuo de perda

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Integrante do NIELM (Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Mulher na Literatura). E-mail para contato: suzanesilveira@letras.ufrj.br

irreparável, cuja “tristeza essencial jamais pode ser superada” (p. 46). Em *O Bruxo do Contestado*, romance publicado primeiramente em 1996 pelo escritor catarinense Godofredo de Oliveira Neto, podemos notar que uma condição de exílio provoca desdobramentos trágicos nas personagens que compõem o livro, em especial para o protagonista Gerd, cujo sonho de uma terra de justiça e paz se transforma em loucura.

Tendo como diálogo principal a Guerra do Contestado, Godofredo de Oliveira Neto desenvolve em seu romance uma leitura metaficcional do levante popular, por meio de uma narrativa polifônica, mostrando as repercussões tanto psicológicas quanto comunitárias do horror vivenciado pelo movimento, sendo este um marco da história de Santa Catarina, terra natal do escritor. Conforme nos aponta Cátia Barbosa (2011), existiam vários interesses envolvidos no conflito: rivalidades eleitorais entre coronéis, disputas territoriais pela produção de erva-mate e de madeira, bem como rixas de ordem política entre os estados do Paraná e Santa Catarina, por ser a região do Contestado uma área fronteira entre eles.

Entretanto, o aspecto que mais se destaca no movimento revoltoso, que ficou conhecido como a Guerra do Contestado, é sua similaridade com outro episódio de desobediência civil da memória nacional, que foi a campanha de Canudos. Em ambos os episódios, houve um fanatismo religioso que influenciou a população cabocla inconformada, recebendo, em seguida, a resposta coercitiva do Estado brasileiro em dois dos massacres mais sangrentos de nossa história. A utopia de construir uma sociedade mais justa sustentou o séquito de José Maria, como em Canudos por Antônio Conselheiro, enfrentando as tropas governamentais em um conflito armado que se estendeu de 1912 até 1916, com a prisão do último líder dos caboclos, chamado Adeodato.

Assim, a narrativa de *O Bruxo do Contestado* traz à luz a situação de precarização e de exclusão sociais a que os participantes do levante se encontravam. Em sua maioria eram sertanejos e trabalhadores indignados com a arbitrária desapropriação de terras feita pelo governo em favor de empresas madeireiras e de companhias estrangeiras de trem que se instalavam na região. Aqueles homens e mulheres se viram, dessa forma, seduzidos por um messianismo místico que lhes dizia serem exilados de uma terra prometida de igualdade e de fartura. A grande adesão ao movimento, que provocou muita especulação e preocupação em torno do conflito, deveu-se ao fato das pessoas nele envolvidas se perceberem como desterrados. Muitas famílias habitavam há anos o mesmo lugar, mas não possuíam o certificado de proprietárias das terras, outras foram enganadas pelos cartórios locais, sendo expulsas de suas casas pelo governo sem nenhum tipo de indenização.

Expatriados dentro de seu próprio país, a esperança de pertencerem a uma outra terra

mais sublime, de paz e de harmonia, lhes dava coragem para lutarem contra as forças militares dos poderes federal e estadual, fortemente armadas, e morrerem em favor da causa, buscando, dentro de uma visão religiosa distorcida, ascender a uma realidade melhor do que aquela em que viviam. Esse sentimento de utopia provoca um forte impacto em Gerd menino, protagonista do romance, quando vê o primo ir para a guerra e não mais voltar. Todo o livro se passa como a repercussão ética desse acontecimento.

Na interface da história de Gerd e sua família, os Rünnel, está a presença da narradora-autora Tecla, que escreve as páginas do romance ao mesmo tempo em que relembra os fatos de sua vida – a qual está por um triz já que ela recebe o diagnóstico de uma doença terminal. Assim, o romance é entrecortado pela narração dos episódios vividos pelos Rünnel no passado e a escrita do livro no presente até que os diferentes espaços temporais se cruzam pela exposição, no final da estória, da relação entre a família Rünnel e a família Jonhasky, da qual Tecla faz parte. A metalinguagem surge já no prólogo do romance com a “Nota aos leitores”, que revela a descoberta do livro num casarão em demolição, que pertenceu aos Jonhasky, em começos dos anos 80. Esse recurso de se inserir um elemento não-ficcional dentro da ficção confere uma presença de artefato histórico ao livro, sendo uma técnica literária utilizada pelo autor para contextualizar a estória e familiarizar o leitor com as informações principais da família Jonhasky – já que a narrativa se inicia em *media res*, com Tecla escrevendo o livro. Aliás, o próprio nome da narradora-autora ressalta a proposta da obra de pensar sobre si mesma.

Assim, logo nas primeiras páginas do romance, percebemos as motivações e contradições de Tecla para escrever as suas memórias: fazer um balanço da vida, deixar o romance como legado de sua família, fazer um testamento de sua experiência de expatriada, exilada pela ditadura. Porém, o aspecto que mais parece influenciá-la a escrever é, sem dúvida, sua obsessão por Gerd Rünnel, pai da família Rünnel, que serve de inspiração para o título do livro: “Risquei o título *Os Rünnel*, no lugar escrevi *O Bruxo do contestado*, porque ele, de alguma maneira, me acumplicia irreversivelmente com a imagem dos Rünnel, imagem que mobiliza os meus sonhos ” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 14).

Tecla escreve o romance nos Estados Unidos, o seu último país de exílio, numa tentativa também de lembrar a sua terra natal, o Brasil, pelo qual lutou no passado. Não à toa, o hotel no qual Tecla se refugia para compor a sua estória é chamado de “Hotel do Levante”. Assim, a escrita é vivida pela narradora como gesto de resistência, a cuja imagem se alia a da teimosia obstinada de Gerd. Legar o testemunho do *Bruxo do Contestado* é seu último ato revolucionário.

O SENTIMENTO DE EXÍLIO E A CONDIÇÃO DE SUBALTERNO

Julia Kristeva no seu livro *Estrangeiros para nós mesmos* (1994) trabalha a ideia de que o exilado transparece a face do outro – uma alteridade difícil de ser acolhida por uma comunidade monológica e que provoca ora comoções de identificação e compaixão, ora sentimentos de fúria e extermínio. Desse modo, segundo a autora, o exilado experimenta “uma raiva estrangulada no fundo da garganta” (p. 10) e um torpor em sua condição de humilhado que podem se transformar em profunda ironia, ceticismo ou mesmo fanatismo.

Essa reflexão parece ser a chave para a compreensão do conflito histórico presente em *O Bruxo do Contestado*, uma vez que evidencia a situação de desterro material e simbólico vivenciada pelos participantes da revolta. Eles foram liderados por um homem que se auto intitulava monge, José Maria de Santo Agostini, tido como irmão ou reencarnação de antigos anacoretas andarilhos, como João Maria D’Agostini e João Maria de Jesus, cujas vidas se misturaram e viraram lenda entre os pobres por sua caridade e pretensa habilidade de cura. Na crença popular, João Maria representava o anunciador de uma realidade futura mais digna para os pobres e José Maria, na verdade Miguel Lucena de Boaventura, um soldado desertor condenado por estupro, adotou a máscara do messianismo para chefiar a indignação e a sede de justiça daquela gente humilde e reprimida do sul do país, escamoteando, porém, os seus propósitos obscuros e espúrios.

Espalhará-se na época a crença de que o monge José Maria era irmão do monge caminheiro, conselheiro e milagreiro João Maria, o Santo do Sertão, o anacoreta que pregava na região serrana do Rio Grande do Sul, do Paraná e de Santa Catarina desde meados do século XIX. José Maria, à frente de um grupo de fiéis armados contra os soldados pecadores e republicanos que não concordavam com o novo reino da justiça, não tinha morrido contra as forças paranaenses em 1912, como fora alardeado e ia reaparecer e fundar cidades santas (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 20).

Esse episódio histórico causou uma ruptura na autoimagem brasileira, ao evidenciar o sofrimento do marginalizado, do outro, em sua coisificação contínua e invisibilização social, sendo o levante tratado pelos governantes como uma ameaça à soberania nacional e ataque ao direito de latifúndio dos fazendeiros e de uma elite sulina. Não à toa, na Guerra do Contestado, foi usada força máxima para conter os rebeldes, sendo utilizados, inclusive, armamentos pesados e maquinários modernos, como a novidade do avião de guerra. Essa insurgência dos sertanejos contra o poder vigente dos coronéis marca o que Julia Kristeva (1994) identifica como a percepção repentina da vontade do outro de existir e que compele ao

soberano identificar no explorado um alguém que lhe é semelhante. A afronta daquele é invisível e que passa a querer ser visto, e a incomodar profundamente um *status quo* por esse motivo, revela um rosto subjugado cuja existência tem valor: “A diferença desse rosto revela um paroxismo que qualquer rosto deveria revelar ao olhar atento: a inexistência da banalidade entre os seres humanos ” (p. 11).

É claro que esse doloroso incômodo foi contido a mão de ferro pelos poderes estaduais e federais, sob pena de ganhar cada vez mais força, sendo o Contestado uma triste alegoria das profundas tensões e desigualdades que fundam as relações de classe, e mesmo humanas, no Brasil, assim como a campanha de Canudos anos antes, entre 1896 e 1897. Diferentemente, entretanto, da insurreição dos sertanejos no interior da Bahia, a Revolta do Contestado teve duração, adesão e repercussão muito maiores, bem como a quantidade de redutos e cidades santas fundadas, provocando um grande impacto em todo território nacional, bem como a curiosidade de expectadores fora do país.

O próprio nome atribuído aos participantes do conflito evidencia esse aspecto de luta de classes: os peludos representavam os soldados que defendiam os interesses dos fazendeiros e dos governos; e os pelados eram os sertanejos expulsos de suas terras ou desprovidos delas, tendo como signo a cabeça raspada:

Gerd lembrava da cabeça raspada do primo, característica dos seguidores de José Maria, do adeus curto, do piso certo e do passo convicto de Rodolfo em direção à guerra dos *pelados*. Durante muito e muito tempo se falou daquela viagem, e os relatos messiânicos sobre a guerra no Contestado impressionaram o menino Gerd (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 22, grifo do autor).

A crítica e teórica indiana Gayatri Spivak (2010), ao analisar o imperialismo europeu e os seus desdobramentos nos países de terceiro mundo, identifica essa diferença como resquícios de um processo colonizador mortificante que transforma as nações colonizadas em um Outro da Europa, que se vê como um Eu, produzindo uma violência epistêmica que tira a capacidade do outro de se enxergar ou de produzir uma subjetividade plena: “O mais claro exemplo disponível de tal violência epistêmica é o projeto remotamente orquestrado, vasto e heterogêneo de se constituir o sujeito colonial como Outro. Esse projeto é também a obliteração assimétrica do rastro desse Outro em sua precária subjetividade” (p. 47).

Ao transferirmos essa noção de assimetria nas relações de um Eu e um Outro para o *Bruxo do Contestado* veremos que os sertanejos exilados de suas próprias casas formam um Outro subalterno, sem identidade e com resquícios de servidão colonial em relação aos

coronéis, de um Eu nacional progressista que não hesita em desabrigar moradores de suas terras e entregá-las para investidores internacionais em favor de criação de ferrovias e de um ideário civilizatório de modernização.

A relação de Gerd com a família também não aparece no romance de modo gratuito, uma vez que é no microcosmo da casa dos Rünnel que podemos vislumbrar os problemas da vida de um sertanejo sulino daquela época e as adversidades que cercavam a sociedade de Diamante, município brasileiro do estado do Paraná, sendo esta cidade uma espécie de alegoria do próprio Brasil no âmbito político e social.

Juta, pragmática e resignada, é a mãe da família Rünnel e se opõe ao marido que é sonhador e delirante. Ela não aceita a situação de pobreza em que eles vivem por conta da condição delirante do marido em sua eterna busca de um novo Contestado. Gerd, um misto de Hamlet brasileiro e Dom Quixote paranaense, sente algo podre, injusto, lutando contra tudo e contra todos. A relação dos dois é muito complicada, porque Gerd apresenta profundas contradições internas e problemas psicológicos, comportando-se de modo agressivo e desequilibrado. Juta é caracterizada como uma mulher triste que leva uma vida de solidão e nulidade como dona de casa, até fugir um dia com a filha, cujas únicas aspirações foram casar e cuidar de uma família. Posteriormente, já com Gerd, é seu contraponto na narrativa, fazendo de tudo para trazê-lo para a realidade.

Gerd e Juta são personagens complexas: a obsessão de Gerd é sintoma de seus traumas do passado, mas o diferencia como sonhador; já o materialismo de Juta a ajuda a salvar a filha da loucura do marido, mas também a aprisiona numa existência medíocre:

As visões que eu tive na vida, Gerd, foram essas aqui. Viver como nós estamos vivendo. Acho que você devia viver aqui mesmo. Neste chão. Nesta vida. Se aquerenciar. Você devia viver comigo e com a Rosa e pronto. E quando você demora pra voltar do mato eu fico com pensão. Aqueles pobres infelizes do Contestado não tinham lugar pra fazer uma coivara. Por isto invadiam. Nós temos vinte e cinco hectares. Esquece aquilo, Gerd. (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 48.).

Juta representa a consequência do machismo estrutural que impinge às mulheres, principalmente a mulher pobre ou do interior onde a misoginia é maior, um único propósito em vida que é casar e cuidar da casa/ dos filhos/ do marido. Ela, porém, quando percebe que Gerd está fora de controle, toma a decisão de se libertar daquela situação insustentável para proteger a si mesmo e à filha. Da mesma forma, Rosa, a filha do casal, encontra-se num exílio familiar quase inescapável e que expõe a fratura que existe nessa família diante de uma

opressão patriarcal. Ela é uma personagem que revela toda a brutalidade do machismo e de seu sufocamento, ao mesmo tempo em que coloca o afastamento social das pessoas com deficiência.

Rosa tem de lidar constantemente com a desconfiança e a agressividade do pai, o que faz com que se afaste de todos por medo. Em várias passagens do texto, o caráter introvertido da jovem é colocado não em função de alguma doença específica, mas em uma recolha em si como fuga de um mundo amargo, principalmente por causa de Gerd. A ambiguidade da deficiência mental de Rosa é colocada em xeque quando ela toma a atitude heroica de ajudar Dona Felícia e sua filha Graça de uma enchente que mataria as duas, ao se jogar no rio e salvá-las. Desse modo, parece haver duas interpretações para o retraimento de Rosa.

A primeira leitura seria a de que a menina teria, na verdade, autismo, e não loucura ou retardo mental, como é pressuposto por Gerd e pelo médico da cidade. Há evidências na narrativa dessa manifestação, como os problemas de socialização e de fala de Rosa e o fato dela não deixar que a toquem. Ademais, Juta e Dona Antônia, governanta da casa dos Jonhasky, afirmam que ela entende tudo o que acontece, mas se expressa de maneira diferente.

A segunda leitura remeteria a um caso de estresse pós-traumático, ao sofrer com as explosões de raiva do pai, escolhendo viver em seu próprio mundo, mais feliz e calmo, uma utopia feita de estrelas que brilham no céu e a sua melhor amiga, a vaca Stille, onde não há sofrimento – em paralelo ao mundo encantado de ilusão do Contestado do pai: “Deixa ela. Ela não sofre. Ontem disse que viu um homem que não pisava no chão. Só dizia, bom, bom, homem bom. Voltou do poço do rio com a cara marcada, deve ter batido na cerca. Veio rindo, feliz. Depois disse outras coisas ” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 48).

Finalmente Gerd, exilado no delírio de sua terra de justiça e paz, seu novo Contestado, acaba por se tornar um foragido ao final do romance. A sua relação com a filha é pautada pela culpa que sente a todo momento pelos seus excessos, frutos de traumas de uma infância difícil com um pai alcoólatra e uma madrasta sádica.

Gerd parece amar genuinamente Juta, mas a faz sofrer em função de um ciúme doentio – ele pensa ser Juta filha de Victor Bonnatti, um homem da região que tem deficiência. Os dois mal dialogam, porque Gerd começa a xingá-la e acusá-la de traição, mesmo que ela sempre negue o fato. Nessas ocasiões, Gerd apresenta crises nervosas, vai para o mato com uma bebida e só volta no dia seguinte. É curioso notar que foi em uma mata que o irmão de Gerd, Alfonso, se enforcou, em um ataque de ira parecido com os dele. Essa mata parece simbolizar, no romance, o inconsciente atormentado de Gerd, para onde ele vai para se

encontrar com os seus demônios interiores e tentar se expurgar.

A tranquilidade de Gerd às vezes se transformava numa irreconhecível ira que só cessava após horas e horas, mesmo dias, embrenhado na mata. Como agora, atravessava o rio Diamante e subia o morro íngreme gritando palavrões em alemão ou em português com sotaque exageradamente carregado e exorando o novo Contestado. (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 30).

Em um desses momentos de raiva incontrolável, Gerd, bêbado, desfere vários golpes de cipó na filha causando sérios ferimentos – cenário que se assemelha ao vivido por ele e seu irmão na infância, quando seu pai e sua madrasta batiam nos dois apenas por diversão. Depois desse episódio, Juta decide sair de casa e ir trabalhar na casa da família Jonhasky. Segundo aponta Cátia Barbosa (2011, p. 69-70) após recobrar a sanidade, Gerd sentiu-se tão culpado e indigno do reino de José Maria e do novo Contestado que só lhe restou a loucura, a fuga da realidade, a selvageria e o isolamento.

Um elemento particular dessa relação difícil entre Gerd e sua filha é que ele sempre a enxergava como alguém que o intimidava e o confrontava quando, na verdade, ela somente o estava olhando em busca de alguma conexão. Talvez a culpa por não ter sido um pai melhor ou a desconfiança na paternidade fazia com que, para ele, o olhar de Rosa fosse de afronta sendo, na realidade, de pavor: “O olhar petrificado da filha começava a incomodá-lo. (...) O leve esboço de sorriso nos seus lábios, para ele insolente e provocadora gaifona, foi o excesso. (...) Os gritos do pai atemorizavam-na. O olhar de medo, para o pai de atrevimento” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 62).

O exílio final de Gerd na perda simbólica do seu sonho de um novo Contestado pode ser encarado como a derrota do ensaio de luta do homem comum por justiça que acaba antes mesmo de começar. Ele representa uma legião de homens e mulheres que perecem diante da miséria e do sofrimento. É, sobretudo, um “fanático da ausência” (p. 12-13), como aponta Julia Kristeva (1994), ao identificar que o exilado é aquele que, mesmo em meio a multidões, persegue sempre uma sombra: “um segredo mágico, um ideal paterno, uma ambição inacessível” (p. 13). O exilado é aquele que não tem ou perdeu o referencial materno. Gerd não conheceu a mãe e teve que conviver com um pai e uma madrasta abusadores. Ele parece projetar essa rejeição em Juta e Rosa e, diante da indiferença de ambas, se volta para o crime e tenta matar Dona Antônia (em sua mente uma substituta ou duplo de Rosa), desferindo-lhe um golpe mortal, acertando, porém, em Wilfredo, menino de quinze anos e funcionário dos Jonhasky, que dormia em sua cama.

Assim, com a rejeição de um lado e o inacessível do outro, o exilado Gerd, como um

órfão, procura preencher essa lacuna materna e paterna com as suas visões utópicas de José Maria e do novo Contestado, fixando-se nesse lugar tão seguro quanto inabordável e preparando-se para fugir: “Nenhum obstáculo o retém e todos os sofrimentos, todos os insultos, todas as rejeições lhe são indiferentes na busca desse território invisível e prometido, desse país que não existe mas que ele traz no seu sonho e que deve realmente ser chamado de além” (KRISTEVA, 1994, p. 13). O final trágico de Gerd é viver sozinho, fugindo sempre de si mesmo e dos crimes que cometeu, preso em seu sonho inalcançável de um novo Contestado: “Pouco a pouco, ele foi se transformando em ‘o bruxo do Contestado’, acusado pelo assassinato do menor Wilfredo Santos Gonzalez e transformado em suspeito principal pela morte de Victor d’Angelo Bonnatti, nunca foi encontrado” (p. 196).

Tecla, a autora ficcional e narradora do livro, filha da família Jonhasky, revela a experiência do exílio como estrangeira em outros países. O primeiro sentimento que ela tem como exilada advém da consciência amarga de que o seu país não concorda com as suas ideias e, depois, já fora de sua terra, ter que sustentar a ideia de que não foi expulsa pelo povo, mas pelo governo.

O exílio tem isso de degradante: a sensação, lá no fundo, de ter sido expulsa porque as pessoas do seu país nunca aceitaram as suas ideias. Tem de alguém puxar para cima e dizer: não, não, foi o governo que te expulsou, não o povo. Ele não pode fazer nada! Está bem, está bem, acredito (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 16).

Autora de panfletos meio literários e meio políticos, Tecla foi participante de um grupo trotskista no final dos anos sessenta, onde atuava como organizadora de folhetos que tinham por objetivo conscientizar a população das práticas de tortura e corrupção do regime militar. Decidiu, assim, influenciada pelas lembranças do bruxo Gerd e de suas visões messiânicas, a assinar os prospectos com o nome “O bruxo do Flamengo”. Algum tempo depois, Tecla teve que se exilar na Dinamarca, onde foi professora horista de cultura latino-americana em uma universidade por mais de dois anos. Nesse momento, Tecla percebeu o olhar do outro sobre o estrangeiro, uma vez que as pessoas a julgavam por sua descendência ou pelo sobrenome de sua família: “Eu era conhecida em Aarhus como uma polonesa cuja família tinha emigrado para o Brasil. A minha história de vida vista por eles não tinha nada a ver com a minha história. Era engraçado. Eu só me achava brasileira” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 17).

Essa surpresa de Tecla, ao perceber-se como o outro, evidencia o que Edward Said (2003) afirma sobre a capacidade de percepção ampliada que o exilado tem, uma vez que se

torna capaz de comparar e contrapor diferentes visões de mundo, o que lhe fornece uma consciência múltipla.

A maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, um cenário, um país; os exilados têm consciência de pelo menos dois desses aspectos, e essa pluralidade de visão dá origem a uma consciência de dimensões simultâneas, uma consciência que – para tomar emprestada uma palavra da música – é contrapontística (p. 59).

É nesse sentido que Tecla, ao viajar para os Estados Unidos com seu marido Serge, sente-se cúmplice dos moradores do Harlem, considerado um dos bairros mais pobres de Manhattan, em Nova York, e conhecido, também, por ser um grande centro cultural e comercial afro-americano. Nativa de um país periférico e marginal, como o Brasil, Tecla se sente “aliada dos explorados” ao andar pelo bairro negro, numa atitude que ela considera transgressora e desafiadora. Assim, ao se aproximar ideologicamente daquelas pessoas, no sentido de se afirmar como latina, ela tenta aplacar o sofrimento que sentia por estar fora do seu país de origem. Tentar se identificar ou criar laços através de uma consciência ou experiência de latinidade também fazia com que as outras pessoas a encarassem de outra forma, mais receptiva, como se compartilhassem a mesma compreensão e empatia em ser um *outsider*, o mesmo sofrimento do exílio.

Sinto até hoje naqueles passeios, um livro de Guimarães Rosa ou de Jorge Amado (primeira fase!) debaixo do braço, uma ponta de orgulho por ser brasileira. Apresso-me em dizer a negros e latinos, quando surge a ocasião, que não sou americana, falo português. Venho do Brasil. Exilada. Bahia, Rio, samba, carnaval, ouço. É, de fato, o comportamento deles muda completamente. É curioso. Parece que o Harlem inteiro me tem como aliada de alguma coisa. Quantas vezes pensei que esse bairro poderia, um dia, ser independente. Como Canudos, como o Contestado ou, quando menos, uma República Juliana. Mas à imagem e semelhança do meu modelo e do meu projeto político. Com equidade e tendo o português como língua oficial! Essa ideia por muito tempo me divertia e me acalmava. Tinha o direito de exercitar os meus sonhos! Mas quer nos Estados Unidos, quer na Suécia, quer na Dinamarca, sempre me senti como Isaías Caminha no Brasil: E tive a sensação de estar em país estrangeiro (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 16).

Com os seus ideais de igualdade e fraternidade frustrados, Tecla parece se identificar com os sonhadores do Contestado, desejando um mundo melhor. Como a possibilidade de voltar ao Brasil só se realizou quando já sabia de sua doença, Tecla confecciona *O bruxo do Contestado* como uma espécie de escritura ou de testamento que mistura dados históricos, fragmentos de memória e imaginação utópica na criação de uma obra que reconstitui alguns

dos episódios mais conturbados da história nacional.

POLIFONIA

Dentro do cenário múltiplo de interesses e de causas para a revolta organizada do Contestado, várias são as versões que surgem para tentar explicar o acontecido. Cada uma delas, porém, serve como uma face de um grande poliedro que evidencia a complexidade e o revestimento mítico que o movimento acabou por receber, sendo cada explicação a revelação de uma utopia pessoal de cada personagem projetada no conflito, por meio de sua visão político-social e ideológica. Segundo Cátia Ferreira Barbosa (2011), o evento histórico não se encontra marcado no plano de enunciação, mas no campo simbólico e metaficcional, por meio de uma narrativa polifônica, dando vez à expressão de várias vozes e leituras do episódio.

Esse evento, um dos marcos da História de Santa Catarina, despertou o interesse do autor Godofredo de Oliveira Neto que resolveu abordá-lo em seu livro *O bruxo do Contestado*. Nesta obra, a interpretação da Guerra do Contestado não se encontra nitidamente registrada no plano da enunciação, pois há várias vozes narrativas que, nos planos do simbólico e do metaficcional, expõem as diversas leituras desse acontecimento histórico. (...). Ao aproveitar ficcionalmente as referências à Guerra do Contestado, o autor livra-se do compromisso de fidedignidade aos fatos históricos, sem, contudo, apagar o caráter interpretativo de seu discurso sobre tais episódios. (BARBOSA, 2011, p. 66).

A primeira versão que analisamos é a da personagem Víctor Bonnatti, neto de imigrantes italianos e dono de uma fazenda em que cuida de galinhas e produz milho, casado com Anita Bonnatti e orgulhoso do seu nono que, segundo ele, implementou o cultivo de uvas na região da Colônia Alta, no Rio Grande do Sul. Victor afirma que os participantes da Guerra do Contestado eram fanáticos ousados e ladrões, responsáveis por atropelarem seu primo, deixando-o com problemas de locomoção na perna.

Também costumava falar sobre a Guerra do Contestado. Para demonstrar a ousadia dos fanáticos, como os denominava, citava sempre o acidente ocorrido com um primo (do ramo abastado dos Bonnatti), já então dono de cartório em Curitiba. (...) O projeto hedonístico transformou-se, subitamente, em poeira e fumaça. Poeira do tropel dos cavalos e fumaça da garrucha e do fuzil Mauser dos jagunços. Deviam ser quarenta cavaleiros – houve quem avaliasse em cem –, alguns carregados de estandartes vermelhos com desenho do Espírito Santo em branco no centro e montados em cavalos com fitas coloridas nos arreios. A cacofonia era insuportável. Gritos de fiéis, choros, zunidos das balas. Vários cavaleiros faziam o sinal-da-cruz quando

passavam, o bagual trotando, em frente à porta da igreja. Frei Leandro, pároco, saiu às pressas da sacristia e enfrentou os hereges. É com todo respeito, seu padre, estamos aqui para explicar a causa, precisamos de dinheiro/ Aqui é a casa de Deus, respondeu o vigário/ Mas tem dinheiro aí, depois nós devolvemos, também tem filho de Deus passando fome no reduto São Pedrito/ Fora daqui seu bandido, ladrão. / Perdão seu padre, a bênção seu padre. Vamos, irmãos, vamos embora, essa Igreja não serve pra nós. José Maria nos guia. Na disparada, o cavalo do chefe atropelou o primo do Victor. (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 51).

Na passagem acima, ficam expostas duas posições bastante definidas contra os participantes do Contestado. A primeira é a de Victor, fazendeiro e primo de dono de cartório, o qual tem aversão aos revoltosos por eles significarem um perigo ao domínio de suas terras, enxergando-os como saqueadores. É também, como latifundiário, que defende o cartório, tido pelos sertanejos como local do diabo, pois foram responsáveis por desalojarem muitas famílias que não possuíam escritura dos terrenos. Essa preocupação dos latifundiários fica nítida na passagem na qual um representante do DNI (Departamento Nacional de Imigração) vai a Diamante e fala sobre o Contestado, assegurando aos fazendeiros o direito à propriedade privada.

Sobre o conflito do Contestado – as perguntas a esse respeito eram comuns, pois a falta de escritura definitiva de muitas propriedades ainda inquietava grande parte dos latifundiários – o representante do DNI limitou-se a fazer análises, sem responder diretamente. Mas garantiu que, apesar do problema se arrastar há mais de vinte e cinco anos, a destruição dos cartórios pelos revoltosos durante a Guerra do Contestado não poderia significar a extinção do direito à propriedade já anteriormente assegurado. Faziam fé as provas testemunhais, a palavra do tabelião, os impostos pagos e o cadastro das prefeituras locais. Os proprietários rurais que se tranquilizassem! (BARBOSA, 2011, p. 51).

A segunda é a do padre Leandro que simboliza a oposição da própria Igreja Católica ao monge José Maria e seus discípulos por considerar o sincretismo religioso popular do “monge” e de seus seguidores uma heresia e uma ameaça à soberania da Igreja, uma vez que questiona o seu comportamento muitas vezes negligente, como na fala do cavaleiro: “Mas tem dinheiro aí, depois nós devolvemos, também tem filhos de Deus passando fome no reduto São Pedrito” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 27). Podemos analisar, assim, como a lacuna deixada pela Igreja Católica nessas regiões rurais carentes é preenchida pela crença de José Maria, voltada para as dificuldades da população pobre: “Vamos, irmãos, vamos, essa Igreja não serve para nós. José Maria nos guia” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 28). Esse aspecto é evidenciado em outra fala de Dieter, membro do GDD (Grupo de Defesa da Democracia)

sobre a religiosidade de José Maria suprir as necessidades práticas do dia-a-dia dos sertanejos, em situação de penúria.

– A Igreja tradicional não dava conta dos anseios dos caboclos. Foi isso o que tentou, sem sucesso, frei Rogério Neuhaus, aquele franciscano alemão que esteve no Contestado. A religiosidade de José Maria tinha sentido prático no dia-a-dia dos sertanejos e na união frente a uma nova realidade econômica. A Igreja só prometia o céu depois da morte, em vida o caboclo famulento podia ficar no inferno (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 28).

A terceira versão que analisamos se apresenta no diálogo entre Bertha Elke Heizen, filha de imigrantes alemães e de família de posses, e seu querido filho Dieter Heizen, que faz parte da direção de ações políticas dentro do GDD, uma associação atuante em Alto Diamante, destinada a discutir ideias políticas de posição esquerdista. As visões de Bertha e Dieter, ideologicamente opostas, transparecem no diálogo sobre o pai falecido do jovem que lutou na Guerra do Contestado e teria morrido, segundo Bertha, em função de uma doença respiratória adquirida no encarceramento pelos revoltosos.

A mãe, simpatizante dos ideais nazistas, difere profundamente do filho que se filia a ideias marxistas e de libertação proletária. No trecho abaixo, fica notória a opinião de Dieter de que os sertanejos eram explorados pelos coronéis, porém a sua mãe afirma que a guerra teve outros interesses envolvidos. Na passagem fica nítido o embate entre diferentes visões de mundo, em que a mãe representa o conservadorismo da sociedade de Alto Diamante e o filho um novo movimento da juventude.

- O pai nunca deveria ter ido combater os fiéis na Guerra do Contestado, mãe.
- Ele não foi lutar, Dieter, ele foi trabalhar.
- Mas ele fornecia armas pros coronéis que lutavam contra os coitados dos sertanejos explorados.
- Explorados coisíssima nenhuma! Lá só tinha fanáticos, comunistas precoces e loucos. Tinha que acabar com eles.
(OLIVEIRA NETO, 1996, p. 42).

A UTOPIA COMO CAMPO DE DISPUTAS POLÍTICO-IDEOLÓGICAS DO SÉCULO XX

O bruxo do Contestado aborda alguns medos intrínsecos à primeira metade do século XX no Brasil: o primeiro era o pavor, amplamente divulgado nos países periféricos, de que o comunismo dominaria o mundo, dissolvendo as relações de classe tão fortemente criadas pelas elites. Outro receio era contra o anarquismo, visto como desconfiança, bem como a ideia

conspiratória de que uma facção da maçonaria tentava manipular o conflito a fim de restaurar a monarquia, como na seguinte passagem:

Alguns chefes dos jagunços tinham instrução militar, como Venuto Bahiano, que serviu três anos na Marinha da Guerra e era ex-funcionário da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. O Exército possuía informações mostrando que sindicalistas da Inglaterra e líderes dos movimentos sociais da Rússia circulavam pela região. Comentava-se que um enviado particular de Lenin tinha vindo, sigilosamente, observar a Guerra do Contestado. Lenin, da Suíça, orientava os socialistas russos, que começavam a sentir o cheiro do poder; em 1905, centenas deles morreram sob as balas do Czar; doze anos depois, iam dominar o país. Diziam que o mundo ia ser socialista. O comunismo ia triunfar na Rússia e no Contestado. A comunidade russa de Diamante estava agitada, os italianos comunistas e anarquistas também. O partido revolucionário ganhava força na Rússia. Além disso, uma facção da Maçonaria queria a Monarquia de volta e pensava poder manipular os fanáticos; os jagunços diziam que a República era obra do diabo. (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 42).

É interessante notar que a noção de uma utopia político-religiosa, presente na guerra do Contestado, contracenava ou dialogava com diversos ideários – monarquia, socialismo, comunismo, maçonaria – em algum nível. No plano político, o Contestado, de fato, aproximava-se mais fortemente da monarquia com a atribuição de títulos e honras para os participantes. Já no plano econômico, aproximava-se mais do comunismo, com ideais libertários e de partilha de bens, teoricamente feita de forma igualitária por e para todos. No plano ideológico, porém, tinha afinidade com alguns aspectos da maçonaria, como a fraternidade, o aclassismo e o seu caráter de iniciação, tendo mesmo um lema parecido com o dos maçons, o qual serviu de inspiração para a Revolução Francesa: “Liberdade, Igualdade e fraternidade.”

Duas ideologias distópicas também aparecem no livro, o nazismo e o fascismo, discutidos num patamar histórico contemporâneo de Gerd, servindo de problematização política entre os moradores de Diamante. Segundo Carlos Berriel (2005), a distopia pode ser considerada o oposto especular da utopia, uma vez que “busca se colocar em continuidade com o processo histórico, ampliando e formalizando as tendências negativas operantes no presente que, se não forem obstruídas, podem conduzir, quase fatalmente, às sociedades perversas (a própria distopia)” (p. 04). Tomamos por ideologias distópicas os discursos que procuram instituir ou veicular formas de poder e opressão totalizantes, ligados a ideários de controle social absoluto e perfectibilidade, a fim de censurar críticas e moldar subjetividades.

Em relação aos referidos regimes totalitários, há a comparação com o Contestado que,

por seu fanatismo religioso, não deixou de ser uma ditadura da fé messiânica para os seus seguidores. Esse aspecto fica explícito na fala de Dieter: “Mas não pode deixar aquele nazifascismo louco se espalhar pelo mundo, seu Ênio, não pode e, claro, também não pode ficar esperando a chegada do exército de São Sebastião comandado pelo monge José Maria. Contestado desse jeito não interessa a ninguém” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 42).

A relação do Contestado e os ideais nazifascistas é igualmente defendido por Gerd em seu desejo de extermínio daquilo que é diferente. Para ele, em ambos os casos não seria permitida a existência desviante e incapacitante que ele reconhece na filha Rosa, a qual apresenta um comportamento estranho e inadequado à sociedade: “- Não adianta se enganar, Juta. Ela agora vai ficar repetindo. Se fosse na Alemanha ou no Contestado não seria assim! / – Assim como?/ – Você sabe!/ (...) Diz que lá os próprios pais mandam matar os filhos estropiados. (...). Dá vontade de morar lá” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 19-24).

As cidades santas do Contestado também representaram um movimento separatista em relação ao restante do país, com regras e códigos próprios, o que causou muita especulação e receio de uma pretensa perda da soberania nacional – fato que foi determinante para a resposta agressiva do governo federal. Em outra interessante passagem do livro de uma conversa entre Dieter e Ênio, integrante do GDD, outras visões são mostradas sobre a revolta: Dieter aprofunda a sua tese de que imperou no Contestado um messianismo louco aliado a uma indignação de ordem sócio histórica que exigia ações práticas, tendo como principal motivo a mudança do regime monárquico para o federalista, que causou uma profunda transformação nas relações político-sociais, resultando em vários desdobramentos. Já Ênio acha que os participantes do movimento de contestação eram discípulos cegos e violentos de chefes religiosos que pregavam a volta do monarquismo. Dieter afirma que houve excessos dos dois lados da guerra.

- (...) O ideal perde sempre, ganha o prático. Veja o Contestado, que tinha um ideal messiânico louco. Deve-se procurar corrigir as paixões, como escreveu Molière no prefácio de *Tartuffe*.

- Mas o Contestado, Dieter, era mistura de sonho monárquico e fanatismo religioso. (...) Aqueles fiéis, homens e mulheres, eram muito fanáticos, Dieter. Não queriam ser mandados pelos coronéis e acabavam sendo pelos chefes e por um monarca. Uma vez queimaram uma serraria na fazenda Santa Leocádia com gente dentro!

- No Contestado, seu Ênio, os sertanejos conheciam o pacto: o coronel mandava, eles obedeciam ou morriam. O acesso ao coronel permitia aperfeiçoar estratégias de sedução e de obediência que podiam ser valiosas na obtenção de favores do dono de tudo. Uma roupa, um pedaço de carne, dinheiro, um quilo de milho, um quilo de feijão. Assim como imaginava que pudesse ser feito com o Imperador. A despersonalização da República e a

obrigatoriedade de relações hierarquicamente pulverizadas com o novo padrão – empresa – sacudiram o acordo. Os coronéis aliaram-se às empresas, os sertanejos à religião. Esse foi o novo pacto, seu Ênio. (...) O comandante é amigo da minha mãe. E queimaram a serraria, como queimavam pontes de estrada de ferro, porque era guerra, seu Ênio. Até a Igreja sabe disso. (OLIVEIRA NETO, p. 40-42).

Outra versão do levante do Contestado, ou “sublevação dos caboclos” conforme aponta um representante do governo Vargas, fundamenta-se na proposição de que a revolta era consequência da movimentação internacional do capital, o que gerou uma entrada maciça de empresas americanas e europeias no Brasil, mesmo na área rural, com a venda de territórios, estradas e portos – gerando conflitos de interesses: “Vendia-se tudo, o que levou – relembrou o doutor Carvalho Branco – o Jornal do Comércio, do rio de Janeiro, a publicar um artigo, por volta de 1910, com uma frase que ficou célebre: ‘Compre estradas, compre portos, compre campos, mas nos deixe o Brasil’” (OLIVEIRA NETO, p. 51).

Visão similar oferece Elsa Bonnatti, esposa de Arcângelo Bonnatti e membro da diretoria do GDD. Ela explica que a situação na fronteira entre Paraná, Santa Catarina e Argentina era tensa e que os coronéis é que formavam a lei do local, restando ao povo miserável obedecer ou morrer. Essa situação impossibilitava o crescimento da região, aumentando a miséria e a violência. Depois do início da construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande o cenário só piorou, uma vez que a empresa norte-americana Brazil Railway Company, de Percival Farquhar, recebeu o direito de explorar quinze quilômetros de cada lado das ferrovias, desapossando famílias que habitavam o local e trazendo novos colonos para a região.

Depois da construção da ferrovia, os operários e trabalhadores, que eram obrigados a se submeter a condições sofríveis, não quiseram ir embora e se juntaram aos antigos moradores revoltados. Elsa aponta ainda que a Inglaterra e os Estados Unidos fizeram pressão para que o governo brasileiro reprimisse violentamente o movimento. Baseada em uma retórica documental, a personagem Elsa, juntamente a Cindy e a Tecla, representam a importância do saber acadêmico a serviço da leitura histórica e também a participação ativa da mulher no domínio da produção do conhecimento e do campo intelectual, o que produz em alguns moradores de Diamante espanto e atração.

No romance, conjugam-se ainda três visões utópicas: o messianismo fanático dos combatentes do Contestado; a idealização de Gerd sobre a Guerra do Contestado; e a própria utopia de Tecla ao participar do combate às forças militares durante a Ditadura que, mais tarde, ela direciona para a escrita. Gerd e seu fanatismo sobre o Contestado surgem como um

sonho infantil de refúgio em um lugar mais harmonioso, justo e pacífico. Com a lembrança de seu primo Rodolfo que vai para a batalha e, inclusive, se transforma em curandeiro, Gerd se vê preso dentro da ilusão da volta de um novo Contestado. Ele sofre por não ter podido ir junto com o primo na época e se martiriza por esse motivo. Na verdade, tem-se a sensação de que Gerd é um personagem frustrado por não poder se realizar. Ele é descrito como excelente no ofício de marceneiro, mas nem mesmo a profissão foi algo que ele pôde escolher. A narrativa aponta que ele trabalhou na construção da estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande e, depois disso, aprendeu com um tio a profissão de marceneiro e se empregou: “Pinantes conhecidos durante a construção da estrada de ferro da região, aprenderam logo a profissão de marceneiro com um tio e cedo se empregaram nas madeireiras das cercanias” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 20).

Em sua idealização do episódio da Guerra do Contestado, Gerd acredita que os assentamentos criados pelo grupo que lutou na revolta eram sagrados e o seu líder, o monge José Maria, era, de fato, um messias de uma terra de igualdade e paz. Entretanto, o que está por trás dessa exaltação é a sua incapacidade em lidar com os próprios problemas com a filha e os fantasmas de uma infância terrível com um pai e uma madrasta alcoólatras e abusadores, transferindo para um sentimento de exílio de um novo Contestado, que não chega, uma resolução “mágica” para os seus conflitos internos e a sensação de injustiça em relação à situação do homem pobre, massacrado por um sistema que o degrada como sujeito.

Tecla, filha da família dos Jonhasky e autora ficcional do livro, narra suas angústias e aflições durante o próprio exercício da escrita, bem como sua decisão de deixar o manuscrito no casarão de sua família em São Paulo, revelando as tensões entre memória e imaginação na criação da obra. Com isso, também compartilha com o leitor as suas lembranças e experiências como uma forma de realizar um balanço de sua própria vida e se reconciliar com um passado mal resolvido, ainda assombrado pelas recordações da família Rünnel e da figura marcante de Gerd que a influenciou na sua própria utopia enquanto defensora de ideais revolucionários em uma organização trotskista no final dos anos sessenta. A percepção do exílio em Tecla se fundamenta primeiro no fato de se sentir excluída de sua própria nação que, segundo ela, não concordava com as suas ideias. Depois, como estrangeira em outros países experimenta a sensação de pertencimento a uma latinidade, tendo como origem o Brasil inserido dentro da América latina, e também o sentimento de cumplicidade com os pobres e marginalizados.

Gerd Brünnel carrega em si muitas batalhas e personifica a tragédia de se ter um sonho perdido: os fantasmas de uma infância difícil com um pai violento; a relação complicada com

a filha; a desconfiança e o ciúme obsessivos em relação a Juta, sua esposa; os horrores de uma possível doença mental que se manifesta através de uma raiva incontrolável; e a frustração com uma realidade que considera injusta e inaceitável. Segundo Cátia Barbosa (2011) o protagonista do livro representa a morte em vida de um sujeito que amalgama as tensões e os sofrimentos de uma legião de homens e mulheres que sonharam e sofreram com o movimento de revolta. Isso se reflete, segundo a autora, no desenrolar da narrativa com a caracterização inicial de Gerd como pai de família e trabalhador e depois como foragido e desequilibrado: “Ao representar a dor e a angústia dos injustiçados pelo sistema, pratica uma espécie de escrita democrática que, sem perder a lucidez e o senso crítico, ainda se sustenta impregnada de utopia” (BARBOSA, 2011, p. 67).

CONCLUSÃO

Na montagem de um painel que aborda desde a Guerra do Contestado, passando pela Segunda Guerra Mundial até a Ditadura Militar brasileira, o luto e o trauma aparecem em *O Bruxo do contestado* enquanto sintomas de uma herança cultural que é resultante de processos históricos de repressão e violência. Pode-se visualizar, com isso, um contexto social familiar a muitas regiões pobres, nas quais as pessoas mais humildes não têm muitas alternativas de futuro e, portanto, não costumam ter planos individuais ou cultivar desejos.

Porém, Gerd, em sua obstinada e nobre teimosia, cisma em manter o seu sonho vivo que acaba por se transformar em delírio. Foi, dentre os seus, o único a cultivá-los destoando da maioria das outras pessoas de seu convívio como um louco ou um visionário: “Planos individuais para o futuro, Gerd pouco os tinha. Quer dizer, até teve! Mas foi talvez o único.” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 20). O que está por trás dessa obsessão de Gerd é talvez a sua tentativa de dar sentido à própria existência diante de uma realidade que o degrada enquanto sujeito e o destitui do direito à identidade. Participar do Contestado seria um propósito para Gerd com a promessa de felicidade póstuma já que parecia não ver alegria na sua própria vida: “Se pudesse ir dentro daquela mala! Diziam que nos campos do Irani e no arraial de Taquaruçu, no Contestado, graças ao monge José Maria, só havia fartura e alegria. Injustiça passava longe!” (OLIVEIRA NETO, 1996, p. 20).

Assim, podemos pensar nas imagens do Contestado no romance como o registro para a posteridade de um evento ainda misterioso e ambíguo. A partir dos conflitos apresentados, é possível discutir o ideológico e o político, como se os discursos oficiais – os documentos, os jornais e as palestras – se misturassem às falas das personagens e suas utopias na combinação

de um livro vingador, como disse Euclides da Cunha sobre *Os Sertões*, pois dá voz àqueles que foram silenciados. O próprio Godofredo afirma ter sido influenciado por Euclides, afinal eram muitos pontos de contato entre as obras que abordam levantes populares parecidos:

Durante toda a escrita de *O bruxo do Contestado*, pensei em *Os sertões*. Eu tinha consciência do que fazia, mas sabia que estava me comparando. Para me exorcizar e ganhar alguma liberdade, cheguei a botar uma personagem falando sobre o livro de Euclides da Cunha. Entre muitos pontos de contato, havia a questão da literatura regionalista, que, na passagem do século XX para o XXI, transita do real para o ficcional. Imagino que isso também se passou com Euclides em relação à Guerra de Canudos, na virada do século XIX para o XX (OLIVEIRA NETO, 2012, 181).

Tecla, a autora ficcional do livro, ao escrever no exílio, ratifica a reflexão de Edward Said (2011) acerca do pensamento de Adorno, de que o único lar realmente disponível, embora frágil e vulnerável, é a escrita. O manuscrito deixado nas ruínas de um antigo casarão em São Paulo estabelece uma relação descontínua entre passado, presente e futuro, com a perpetuação do livro enquanto esperança de dar um significado não somente à existência de Tecla, de Gerd ou das famílias Rünnel e Jonhasky, mas, sobretudo, à vida de milhares de revoltosos que lutaram e morreram em busca do ideal de um mundo mais justo. *O Bruxo do Contestado* reflete não apenas sobre exílio e utopia, mas também sobre memória e esquecimento. Problematisa, assim, as diversas formas do discurso autoritário que foram responsáveis por milhares de mortes, ao mesmo tempo em que aponta a obsessão de Gerd como igualmente nociva. Reforça ainda a necessidade do lembrar constante, para manter viva a memória dos que lutaram e visíveis as dificuldades daqueles que têm o exílio como condição de vida.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Cátia Ferreira. A representação literária da Guerra do Contestado: amálgamas ficcionais em *O Bruxo do Contestado*. In: **Terra Roxa e outras terras** – Revista de Estudos Literários, volume 21, p. 65-75, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa>. Acesso em: 02 jun. 2018.

BERRIEL, Carlos. Utopia, distopia e história. **MORUS** – Utopia e Renascimento 2, 2005, p. 4-10. Disponível em: https://www.unicamp.br/~berriel/arquivos/berriel_prod_3.pdf. Acesso em: 15 set. 2020.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

OLIVEIRA NETO, Godofredo de. **O bruxo do Contestado**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. A linguagem me liberta (Entrevista). **Fórum de literatura brasileira contemporânea**, UFRJ, vol. 4, n. 08, 2012. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/flbc/article/view/17358/14377>. Acesso em: 13 mar. 2020.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

Recebido: 14/05/2020

Aprovado: 14/10/2020